

A CONTÍSTICA DE BARIANI ORTENCIO: cultura como educação

Lilian de Castro Junqueira¹
lilian.junqueira@ueg.br

RESUMO

Esse artigo apresenta uma análise das representações peculiares do autor Bariani Ortencio (1924-2024). O objetivo precípua é destacar sua representatividade na divulgação da cultura goiana por meio de suas múltiplas atividades literárias, enfatizando a que mais lhe conferia mais dedicação libidinal era de escritor regionalista e folclorista. Seus contos regionalistas foram objeto da tese *O conto de Bariani Ortencio e os sentidos de Goianidade*, concluída pela autora desse texto, em 2019 no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG). A perspectiva para a escolha da temática foi a identificação de que Ortencio, tanto quanto Guimaraes Rosa, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, com seus estilos literários valorizavam a cultura regional,. A tese anunciada é de natureza qualitativa, de metodologia, eminentemente, bibliográfica. E o método, o caminho, adotado é o *Praxiológoco*, do sociólogo francês, Pierre Bourdieu (1996; 2001; 2002; 2004 e 2006)². Para dialogar sobre o tema, particularmente, a relação entre literatura e formação humana, constam textos do sociólogo da literatura Antonio Candido (2000;2002 e 2011) e de Roger Chartier (2011; 2013), além de outros autores como, por exemplo, Lygia Chiappini (2017). Um destaque importante refere-se ao fato de que na finalização da tese Bariani Ortencio estava com 94 anos e, a escrita desse texto conjuga, em grande medida uma justa homenagem ao inspirador temático, que faleceu em 15 de dezembro de 2023, deixando a herança de mais de 50 livros publicados, e uma novela que estava sendo editada e está com previsão de lançamento o mês de julho de 2024.

Palavras-chave: Literatura. Formação Humana. Goianidade

ABSTRACT

This article presents an analysis of the peculiar representations of the author Bariani Ortencio (1924-2024). The main objective is to highlight his representativeness in the dissemination of Goiás culture through his multiple literary activities, emphasizing that he was a regionalist and folklorist writer and gave him more libidinal dedication. His regionalist short stories were the subject of the thesis *The tale of Bariani Ortencio and the senses of Goianidade*, completed by the author of this text, in 2019 in the Postgraduate Program at the Federal University of Goiás (UFG). The perspective for choosing the theme was the identification that Ortencio, as well as Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, with their literary styles valued regional culture. The announced thesis is qualitative in nature, with an eminently bibliographical methodology. And the method, the path, adopted is the Praxiological one, by the French sociologist, Pierre Bourdieu (1996; 2001; 2002; 2004 and 2006). To discuss

¹ Lilian de Castro Junqueira: Pedagoga/UFG; Especialista em Gestão Escolar/UFG/UFG; Mestre em Educação/UFG; Doutora em Educação/UFG; Professora Efetiva da Universidade Estadual de Goiás/Inhumas.

² Ver todas as obras mencionadas na Tese *O Conto de Bariani Ortencio e os sentidos de Goianidade*, 2019, no Repositório da UFG.

the topic, specifically, the relationship between literature and human formation, there are texts by the sociologist of literature Antonio Candido (2000; 2002 and 2011) and Roger Chartier (2011; 2013), as well as other authors such as, for example, Lygia Chiappini (2017). An important highlight refers to the fact that the completion of Bariani Ortencio's thesis was 94 years old and, the writing of this combined text, to a large extent a fair tribute to the thematic inspirer, who passed away on December 15, 2023, leaving a heritage of more than 50 published books, and a novel that was being edited and is scheduled for release in July 2024.

Keywords: Literature. Human formation. Goianidade

1 INTRODUÇÃO

A importância da arte como formação humana, fez com que Tragtenberg (2011), numa análise para responder a um questionamento, surpreendesse seu interlocutor. Para o sociólogo, se tivesse só uma área do conhecimento possível de ser ensinada, ele afirmou que seria a literatura, por ser é a mais próxima da vida social, e a mais sintética para a introspecção particular, enfatizando a literatura,

A arte literária reúne, segundo Tragtenberg, a arquitetura no processo de construção harmônica dos textos; a música na elaboração melódica da poética; a delimitação dos traços, nos desenhos dos personagens com suas éticas, estéticas; e na expressão filosóficas de se pensar e a traduzir a complexidade da vida simples, na ficção da cotidianidade por verossimilhanças. Os aspectos, ora elencados, foram determinantes para o desenvolvimento de uma tese em literatura, precisamente, na literatura regional do conto de Bariani Ortencio.

2 A profusão criativa da contística barianense

A literatura tem muito a dizer a cada um de nós e cada um de nós tem muito a dizer por meio da literatura e de tudo quanto ela nos proporciona, pois

Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. [...] A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interação. [...] Sendo assim, fica evidente que

cada leitor é coautor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita (Boff, 1997, p. 9)

Contudo, o único elemento que acompanha o leitor e o escritor, juntos, em todos os estágios, é a capacidade de cada um imaginar soluções para os problemas com os quais se defronta e, ao interferir na realidade que o circunda, deixar suas marcas, humanizar a natureza com produtos materiais e simbólicos, humanizando-se!

Para uma pesquisadora outsider em literatura, há por vezes, uma inclinação para demonstrar aspectos da biografia do autor pesquisado como determinante de sua obra. Nesses momentos, faz-se importante retomar o método *praxiológico*, que nos alerta que um escritor não tira suas histórias só da imaginação – na obra pela obra – nem as representa como um espelho da realidade. Em que pese o fato de sua história de vida não estar imune às condições da realidade, os escritos ficcionistas ultrapassam as marcas biográficas.

Nada é mais enganador do que a ilusão retrospectiva que revela o conjunto dos traços de uma vida, tais como as obras de um artista ou os acontecimentos de uma biografia, como a realização de uma essência que lhes preexistiria: da mesma maneira que a verdade de um estilo artístico não está inscrita em germe em uma inspiração original, mas se define e se redefine continuamente na dialética da intenção de objetivação e da intenção já objetivada, da mesma maneira é pela confrontação entre as questões que não existem senão pelo e para um espírito armado de um tipo determinado de esquemas e de soluções obtidas pela aplicação desses mesmos esquemas, mas capazes de transformá-los, que se constitui essa unidade de sentido que, retrospectivamente, pode parecer ter precedido os atos e as obras anunciadoras da significação final, transformando retroativamente os diferentes momentos da série temporal em simples esboços preparatórios (Bourdieu, 2001b, p. 91).

Concordando com Bourdieu (2001), foram “pinçados” da obra desse escritor, elementos, sem a pretensão de, a partir dessa decisão, fazer crer que a produção de suas ficções estarão auto justificadas pelos casos que viveu, ou ouviu, como se o autor não tivesse se envolvido um trabalho artesanal minucioso e diversificado de pesquisa e uma gama ampla de leitura de autores clássicos aos contemporâneos, pois, como destaca frequentemente Bariani Ortencio, “para escrever, é preciso ler muito”.

Neste texto, há uma alteração na apresentação pesquisa que resultou na tese, sem prejuízos para sua apreensão. A decisão foi de apresentar, preliminarmente, a

trajetória de Bariani, um autor autodidata e pesquisador, de viés etnológico, da cultura goiana acerca de medicina popular, da linguagem, do folclore, da religiosidade, da culinária. Contudo, a dedicação primordial é a *letra* de Bariani Ortencio nos seus contos.

Curiosamente, um dos principais autores da literatura e folclorista de Goiás não é goiano. Foi ainda na infância, em Igarapava no estado de São Paulo, nascido na fazenda do Moinho Junqueira, onde Ortencio começou sua trajetória de leitor e escritor. Ficou conhecido como Paulistinha, por ocasião em que visitou um treino do Atlético Clube Goianiense e ao descobrir que o time estava sem o goleiro.

Se apresentado para avaliação do técnico, foi aprovado, mas era preciso uma boa identificação como jogador. Ao informar que seu nome era Waldomiro Bariani Ortencio, nem o prenome ou sobrenomes agradaram, porém o sotaque chamou a atenção. Ao saber que era paulista e jovem, “batizaram-no como Paulistinha”. E assim Bariani Ortencio ficou muito conhecido.

O goleiro, entretanto, era um autor inquieto, que trouxe, da infância, seu autodidatismo de escritor. Para tanto ele recorria às suas memórias de leitor, que de forma bem *matreira* começou a escrever a partir da leitura ativa.

Em entrevistas e palestras, que sem falsa modéstia, fazia questão de se vangloriar que foi um aluno que se alfabetizou cedo e por não ter biblioteca em sua cidade, ele apelava para os livros de seu tio, um padre redentorista.

O Pe. Bariani. E, quando lia um conto muito bom, já ia pensando como ia acabar. Quando chegava ao fim, caso eu não gostasse do desfecho do conto, eu “bolava” um “melhor” riscava o final do livro e escrevia o meu. Depois que fiz isso tanto, tanto e tanto, eu falei: – Por que é que eu não vou escrever minha própria história? (Ortêncio, 2009, p. 83).

Em Igarapava, já escrevia para o jornal estudantil *O Chicote*. Aos treze anos já publicava em um jornal na sua cidade que promovia o concurso “O conto do dia”. Ele venceu onze concursos.

Em Goiânia, em 1938, foi colaborador do jornal *O Liceu*. Por dois anos, redigiu crônicas para a Rádio Clube de Goiás e, eventualmente, para a *Folha de Goiás*. Foi um dos membros fundadores e presidente da União Brasileira de Escritores (UBE), seção de Goiás. Pertence e também participa da Gestão do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), fundou e presidiu a Comissão Nacional de Folclore.

Bariani Ortencio iniciou suas pesquisas empíricas relacionadas à cultura
RCE, v. 9, 2024, ISSN 2526-4257, e24063

goiana e do Brasil Central em 1956. Cuidadoso e metódico, selecionava e referenciava, em obras literárias, tudo o que estava vinculado aos costumes, às crenças, aos hábitos e ao linguajar dos goianos. Suas obras são fontes de pesquisas profícuas, visto que abordam as tradições, porém, sem descuidar das transformações da modernidade.

As produções literárias de Ortencio têm um amplo aspecto constitutivo da cultura, que vão desde os hábitos alimentares, as práticas cotidianas, as crenças e superstições, as relações sociais e políticas, linguísticas, folclóricas. Em 1968, pela sua relevante atuação em nível regional e nacional na divulgação da Cultura e Sociedade de Goiânia, recebeu o título de Cidadão Goianiense e tornou-se presidente de honra da Comissão Goiana de Folclore, membro da Academia Goiana de Letras (AGL).

A literatura não foi seu ofício principal. Um empreendimento inovador foi marca da sua atividade rentável principal, o Bazar Paulistinha, que, à época, começou com a venda de aviamentos, diversificou os produtos com vistas a atender melhor às necessidades da freguesia. Por meio desse bazar, ele se inseriu no meio cultural fonográfico, sendo o primeiro a trabalhar com a venda de discos e vitrolas na região Centro-Oeste. Comprava no atacado em São Paulo e distribuía os discos “bolachões” para inúmeras localidades de Goiás e até para o Mato Grosso e parte do Maranhão.

Como um dos maiores, ou talvez o maior, vendedores de discos no Brasil Central, Ortencio teve o reconhecimento de gravadoras, compositores e cantores. E, graças a essa atividade, conquistou a proximidade física com os radialistas, passando a patrocinar, produzir e divulgar artistas goianos, como o Trio da Amizade com o protagonismo do Goiá, codinome de Gerson Coutinho da Silva, que logo abandonou essa formação.

Entre as dezenas de artistas que lançou no mercado fonográfico, podemos destacar “o Lindomar Castilho, a Cantora Ely Camargo, Trio da Vitória, a dupla sertaneja Marreco e Marquinho” (BRITO, 2009, p. 23). O *Paulistinha* do bazar foi integrado a algumas composições. Com Goiá, ele é evocado em *Saudade de Goiás*³, canção gravada por Belmonte e Amaraí, mas com maior evidência ficou

³ A letra da música de Goiá e Amaraí, interpretada por Belmonte e Amaraí, enaltece a literatura ortenciana em *Sertão Sem Fim*, detalhando as lembranças que os contos e suas personagens
RCE, v. 9, 2024, ISSN 2526-4257, e24063

marcado pela música *Pagode em Brasília*, interpretada por Tião Carreiro e Pardinho..

A despeito dos seus empreendimentos comerciais, Bariani Ortencio não descuidou das ações culturais, nem da literatura e do folclore goiano. Iniciou suas pesquisas relacionadas à cultura goiana e ao Brasil Central em 1956. Cuidadoso e metódico, ele selecionava e referenciava tudo o que estava vinculado aos costumes, ao folclore com suas crenças e superstições, ao linguajar dos goianos, seus hábitos alimentares, as práticas cotidianas, as relações sociais, a política.

O curso da história é de mudanças, transformações em todos os níveis... novas tecnologias, ferrovias, estradas asfaltadas. No sertão, ou, interior do estado, as tecnologias imprimiram o êxodo rural que se tornou mais evidente a partir da década de 1970 com a mecanização do plantio e da colheita, fazendo com que os trabalhadores se deslocassem para as cidades. A cidade que atraía mais era a capital do estado, Goiânia.

Famílias sem recursos, estabeleciam-se nas periferias em moradias improvisadas sem infraestrutura básica. Alterando o espaço da cidade foram estabelecendo novas relações de trabalho e de sociabilidade. As formas de vida com matrizes telúricas, os saberes tácitos eram pouco a pouco sendo abandonados porque o conhecimento escolarizado tinha mais valor e era requerido para as gerações mais jovens.

Conhecer e preservar as tradições pela literatura é uma forma de dar sentido às relações de alteridade, especialmente, para compreender o quanto uma formação cultural tem a nos informar sobre as raízes históricas das relações sociais de natureza patriarcal, deixaram suas marcas na sociedade, como é o caso do estado de Goiás.

Estudar a ficção curta de Bariani Ortencio é sempre um empreendimento desafiador, haja vista, que o conjunto de sua obra é grandioso e versátil em todos os sentidos: estilístico, de composição de personagens, de ambiente, e até na mescla de verossimilhança de alguns contos, mesmo os que abrangem a esfera do fantástico.

Refletir os aspectos prevalentes na cultura goiana pela letra desse autor, cujos estudos o levaram e embrenhar-se nos “cofins” de localidades, praticamente,

peculiares evocam em sua memória. A letra da música é uma homenagem de Goiá a Bariani Ortencio..

invisíveis no ensino de geografia e história do estado de Goiás. Ele apostou em elementos culturais, cuja tese de doutorado, procurou indicar com a assertividade com que traduziam os *traços de goianidade*.

Bariani teve como pressuposto favorecer o reconhecimento da literatura regional, nas atividades interdisciplinares na/da escola, entrelaçando a arte, literatura e a formação humana, por propiciar a identificação de leitores com os personagens, suas condições objetivas e, com isso, estimular a empatia e a alteridade.

O homem Bariani Ortencio chegou aos 94 anos em 2019, mas é impressionante como esse escritor manteve a alma, o entusiasmo e a criatividade de um adolescente com muitos planos para o futuro. Durante os estudos sobre suas obras, ele estava com um romance quase finalizado. Era o único estilo para configurar sua inscrição em todos os gêneros literários.

Em conversa informal, o escritor contou que sua história se confunde com a história de Goiânia. Ele chamou a atenção para um tempo em que os quintais das casas da capital eram como os das cidades do interior: grandes, cheios de frutas, hortas e plantas medicinais, tal como mantinha em sua residência. Com generosidade faz questão de receber, com sorriso franco, quem quiser conhecê-la e dispõe a sua biblioteca – considerada uma das mais completas em acervo histórico e literário de Goiás – transformada em Instituto Cultural e Educacional Bariani Ortencio (ICEBO).

Com a velocidade que o tempo imprime nas nossas atividades, mediante a necessidade de se perder vida para pagar consumo, as famílias foram fragmentando seus encontros, marcados pela superficialidade social, para cumprirem “obrigações” que ensejam retribuição e cavando trincheiras sem os parentes mais próximos ou economicamente úteis. Não há tempo para os “causos”, sobretudo se forem derivados de experiência particular.

Atualmente, segundo Ortencio, o senso comum, tem sido difundido às novas gerações a história como presentismo. Com isso, o que tem importância num dia, em pouco tempo torna-se obsoleto, arcaico, desautorizado pela memória. E mais, mediante o uso excessivo da tecnologia, estamos minimizando o tempo para conversas “tetê-a-tetê” e negligenciando a arte que humaniza desde a primitividade: a narrativa, a necessidade de compartilhar experiências, e em Goiás não é diferente.

[...] podemos conhecer muito sobre a nossa realidade social goiana através da nossa literatura. A relação entre campo e cidade, a organização social específica do sertão goiano, as relações de trabalho, de idades e de gêneros, as festas populares, a religião na vida da gente camponesa – tudo parece ter uma compreensão significativa nos nossos textos literários (Pessoa, 1996, p. 167)

A cultura goiana é resultante de processo de criação e de recriação cultural, de trocas pluriculturais, tendo, em alguns aspectos similitudes, mas trazendo no seu conjunto, peculiaridades em relação às demais.

Nas suas narrativas vemos desfilar os tipos mais característicos do mundo sertanejo: o coronel, o jagunço, o delegado, o vigário, o matador de aluguel, o benzedor de cobras, o garimpeiro e o liquidante. Nesse mundo arcaico que retrata as relações de poder são muito míticas, e a hierarquia rígida. De um lado estão os poderosos que mandam; de outro, o contingente maior dos que a eles se sujeitam. Nos vilarejos, a chegada de um forasteiro pode desequilibrar essas relações, promovendo reviravoltas nas posições de mando. [...]. (Tietzmann Silva, 2004, p. xiv)

Alguns contos regionalistas Bariani Ortencio tem o enredo baseado em relatos memorialistas, outros são resultantes de fatos de memória coletiva. Têm aqueles relacionados às lendas populares, e outros decorrentes de eventos sobrenaturais, envolvendo lugares assombrados por almas renitentes, que não seguem “para o além”, seja por vingança ou por apegos materiais.

A contística ortenciana é envolvente e, por ser um exímio pesquisador com os povos locais, tornou-se um profundo conhecedor da flora, da fauna e da culinária da região, conseguindo nos transportar o leitor para a ambientação de cada conto, tal qual estivesse diante de uma obra fílmica. Desse modo, dramas impactantes, acionam a empatia face aos intensos sofrimentos das personagens e, na mesma medida, despertam uma boa dose de aversão aos comportamentos de personagens como os coronéis e seus jagunços.

Comumente, Ortencio aciona dessa forma, *ladina*, o envolvimento formativo de leitores com sua obra que não raro as tramas suas carregam uma boa dose de tragicomédia. Para completar, o autor deixa o final indefinido, esperando, talvez, que a leitura ativa prevaleça como o que ele realizava nos livros de seu tio reescrevendo os finais.

Seus contos mostram um sertão ermo, desprovido das políticas públicas do Estado. Suas personagens vivenciam as condições precárias do interior de Goiás, em situação de abandono, sem escolas – algumas escolas eram “do coronel” ou de

um grande fazendeiro, com aulas organizadas em salas multisseriadas – a maioria da população sertaneja dos períodos que traduziu era, majoritariamente, analfabeta ou, quando muito, desenhava o seu nome para compor o curral eleitoral coordenado pelos coronéis. O acesso à saúde também era inexistente: as doenças eram curadas com plantas medicinais e as gestantes contavam com a função essencial das parteiras.

Ignorados pelo Estado, os sertanejos, sem um sítio ficavam à mercê da dominação de coronéis, a quem eles deviam lealdade, isso quando não deviam a sua liberdade, pois o isolamento físico que os distanciava até das cidadezinhas, “obrigava” os empregados na roça a comprarem os alimentos e utensílios que eram vendidos fiados na “venda” do seu patrão. Tudo era anotado em uma caderneta cuja dívida era impagável, impedindo-os de irem embora. Essa realidade estava na base de sociedades tradicionais do sertão.

No conjunto de sua obra telúrica – o homem se vê indissociado da natureza, da terra com sua fauna e flora. Em alguns contos, o autor desenvolve sua trama nas poucas vilas, tendo personagens como padres, delegados e juízes. Mesmo nas vilas, aparecia a relação da população com os mandatários – por meio dos personagens vinculados à autoridade de um desses atores sociais, sem excluir a figura dos fazendeiros, os mandatários tácitos, por vezes, o principal padrinho ilustre de pelo menos um dos filhos dos seus trabalhadores na lida com a terra ou com o gado, futuros mantenedores da sociedade vigente.

O estudo sobre o regionalismo como temática da tese, não advoga um retorno idílico ao passado, ou uma busca de matrizes para falar de uma identidade bairrista, haja vista que, o passado tem sentido se, e somente se, articulado com o presente de modo indissociável. E ambos podem ser apropriados como *vetores* de reciprocidade, inseridos em uma extensão tempo-espaço que insere as potencialidades do futuro, na percepção de projeto a se realizar, ou como conhecimento de equívocos nos quais deve-se avaliar não reincidir.

A expectativa, portanto, é a de que seja possível apreender e refletir sobre os elementos histórico-culturais, presentes nos contos regionalistas desse autor. Contos que ultrapassam os aspectos pitorescos ou exóticos da/*na goianidade* em suas narrativas e sua efetiva aplicação nos inúmeros ambientes pedagógicos que extrapolam os limites da escola, haja vista, que a educação é um ato que se efetiva

em todos os espaços sociais. Os contos de Bariani Ortencio, portanto, mostram o sertão como uma excelente “escola de mundo”.

3 Concepções teórico-metodológicas

Uma tese que destaca, predominantemente, a cultura, se alinha, perfeitamente, ao método *praxiológico* bourdieusiano, também conhecido como *teoria da prática*. O método enfatiza a disposição relacional entre os campos da cultura (erudita, ou popular) com o campo do poder (no caso dos coronéis frente aos seus jagunços), ou ainda a cultura ancorada no saber do mundo, da natureza, e o saber intelectual, como no caso do ficcional, em que os traços característicos da posição social dos personagens relacionam-se com as possibilidades de ser, viver e compreender a realidade, numa teia de representações intrincadas, na qual cada grupo se apresenta/representa seu papel sociocultural.

Assim também pensa Lukács (1981) sobre a obra de arte. Para esse autor, em que pesem as intenções do artista, toda arte é uma produção coletiva, carregando em si a representação simbólica do singular e do universal. Desse modo, a atuação do artista é decorrência da imanência e transcendência da sua realidade, visto que expressa, sim, suas intenções subjetivas, porém, não está deslocada face às condições objetivas que determinam suas potencialidades.

Trata-se, portanto, da relação intrincada entre homem e humanidade. Essa relação sempre existiu, razão pela qual devia sempre ser apreendida, pois, de um modo ou de outro, cada momento de transformação social

[...] abraça o mundo global, interno e externo, e precisamente como mundo do homem, da humanidade; as formas fenomênicas sensíveis do mundo externo, por isso, são sempre — sem prejuízo para sua sensibilidade intensificada, para a sua imediata vida própria — signos da vida dos homens, de suas relações recíprocas, dos objetos que mediatizam estas relações, da natureza em seu intercâmbio material com a sociedade humana (Lukács, 1981, p. 189-190).

Como toda forma de arte, a literatura não pode ser tomada como reflexo do real. Ao lidar com a realidade por meio da ficção, o autor não deixa de ser um representante do seu tempo, pois a sua narrativa se destina a alcançar uma

aproximação com a realidade.

O movimento, ora resultante da industrialização no limiar da modernidade, com a ampla adoção das novas tecnologias, em especial a internet, tem produzido uma “avalanche” de informações acessíveis a um número cada vez maior de pessoas e sem critérios de avaliação da credibilidade dos assuntos, tendo como desafio distinguir os conhecimentos, das apropriações vulgares de informações, tantas vezes equivocadas, quando não falsas.

Expressar a arte implica conhecer suas várias linguagens, para combinar formas, adicionar humor, suspense, e tudo o que pode surpreender o leitor. É ter capacidade de recriar histórias vivenciadas ou ouvidas de outras pessoas; inventar caminhos e buscar diferentes modos de solucionar os conflitos.

Portanto, estimulando a imaginação do leitor, a expressão artística consegue se manifestar como mediadora do conhecimento que os autores pretendem apresentar numa proposta que reclama um nível de cumplicidade de quem lê.

O artista, ao representar a realidade, o faz como um ser que analisa as formas, as linguagens, os comportamentos, as determinações da realidade, as manifestações da natureza, recompondo-os com uma interpretação possível do real. Assim, sua atuação estimula as reflexões sobre as possibilidades de transformação ou modificação das estruturas existentes.

Como muitos desconhecem os efeitos da experiência estética das obras em questão, um tratamento socioantropológico é relevante para destacar a complexidade das reflexões sobre a arte que

[...] tem representado desde a Pré-História uma atividade fundamental do ser humano. Atividade que, ao produzir objetos, suscita certos estados psíquicos no receptor, e não esgota absolutamente o seu sentido nessas operações. Essas decorrem de um processo totalizante que as condicionam: o que leva a sondar o “ser” da arte enquanto modo específico de os homens entrarem em relação com o universo e consigo mesmo. (Bosi, 1999, p. 8).

Fica evidenciado, portanto, que o desenvolvimento psíquico humano está ancorado no potencial criativo do homem que – diferentemente dos demais animais – não tem suas atividades biológicas restritas às atividades permanentemente idênticas, imutáveis. O mundo humano, potencialmente, não tem limites para a cultura como educação ao longo da vida.

A cultura se constitui, pois, no trabalho de transformação da natureza e do homem, de interrogação da prática, da ação, esquemas de apreensão do real e do imaginário; de busca da racionalidade, da verdade e da universalidade, de criação nas diversas esferas do saber e de abertura ao outro, ao diferente, de humanização dos indivíduos, grupos, instituições e da sociedade. [...] diferentemente de um aglomerado ou soma de criações, saberes e valores esparsos, cultura é uma totalidade que torna possível a significação, a compreensão e a transformação do mundo e do próprio homem em sua dimensão sociocultural e individual, bem como a transcendência do que possa cercear sua autonomia e liberdade. (Coelho, 2009, p. 182).

Na tradição histórica, as obras da cultura, especialmente as artes, não são produtos cuja finalidade é a sua utilidade pragmática. Independentemente de uma utilidade, as ações humanas constituem-se e dão sentido ao mundo, à vida, à ação individual ou atividades coletivas. Conforme Coelho (2009) os seres humanos conseguem transcender a esfera da utilidade, da necessidade, ou até com elas, compõem um mosaico de possibilidades formativas

É interessante começar a discutir cultura, em conformidade com Bosi (1992, p.11), “pelas palavras”, tendo por base as definições polifônicas desse termo, que não permitem um consenso. Entretanto, em meio aos fenômenos culturais verifica-se os vestígios na linguagem, na alimentação, nas crenças, até na postura corporal.

As palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do termo latino *colo*, que está relacionado à moradia, permanência, ocupação da terra onde se trabalha a *cultura*, a plantação e colheita de alimentos, a observação dos ciclos da vida e os saberes sobre a vida.

Como a temática considerada é a literatura regional na identificação da cultura goiana, o método, caminho, adotado foi a sociologia *praxiológica* de Pierre Bourdieu e seus conceitos fundantes (BOURDIEU, 1996, 2001a, 2001b, 2002, 2004, 2006). Em relação às teorias para a apreensão da análise da literatura e sua influência na formação humana, destacamos a relevância dos textos de Antonio Candido (2000, 2002, 2011), Alfredo Bosi (1985, 1999, 2002, 2006), Lucien Goldmann (1967 e 1976).

Com efeito, o excesso de informações tem resultado num nível profundo de contradições culturais. Nesse sentido, constata-se que a apropriação superficial de assuntos relevantes tem prazo mínimo de validade, devendo ser “consumidos”

instantaneamente nas redes sociais⁴, num lógica frenética de cooptação de “seguidores”. Parafraçando Descartes “Posto, logo, existo!”

Sobre isso, Umberto Eco fez severas críticas porque as informações, ao invés de provocarem dúvidas e/ou reflexões, são disseminadas como teorias pautadas puramente pela *doxa*, e replicadas em forma de “memes”⁵, de charges, como objeto de diversão nas redes sociais, o que dificulta o acesso às fontes oficiais dos estudos filosóficos, científicos e artísticos etc., em função de um relativismo radical que fomenta um anti-intelectualismo.

Uma causa presente no estudo para a adesão à temática da tese são as formas de apropriações e/ou intercâmbios culturais, que, extrapolando as fronteiras de um determinado espaço simbólico ou material, não deixam de retratar o *habitus*⁶ do goiano, por meio da narração de suas experiências tecidas na contística barianense e as interfaces das questões rurais, com a natureza e, propositalmente, o trato da terra no bioma cerrado e seus desdobramentos.

Nessa perspectiva, a literatura é tomada como relevante objeto sociológico, com a certeza de que há um processo contínuo de interação de sujeitos múltiplos em suas diferentes formas de conhecimento. Num sentido metafórico, as narrativas

⁴ “Umberto Eco foi um pensador extremamente crítico ao papel das novas tecnologias no processo de disseminação de informações pelas redes sociais ao darem visibilidade aos “[...] **idiotas que antes falavam apenas em um bar e depois tomavam uma taça com vinho, sem prejudicar a coletividade. Agora eles têm avatar, local e personalidade. Não são leitores de livros, muitos não têm formação acadêmica, mas comportam-se como doutores e exímios conhecedores do assunto que se propõe a debater**”. A declaração foi dada em 2015, durante o evento em que ele recebeu o título de doutor *Honoris causa* em Comunicação e Cultura, na Universidade de Turim, norte da Itália. “Normalmente os imbecis eram imediatamente calados, mas agora eles têm o mesmo direito à palavra de um Prêmio Nobel”, disse o intelectual. Disponível em: <<https://omartelodenietzsche.com/2018/10/18/umberto-eco-as-redes-sociais-deram-voz-a-uma-legiao-de-imbecis/>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

⁵ Meme “é um termo criado em 1976 por Richard Dawkins no seu best seller *O Gene Egoísta*[1] e é, para a memória, o análogo do gene na genética, a sua unidade mínima. É considerado como uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro ou entre locais onde a informação é armazenada (como livros). No que diz respeito à sua funcionalidade, o meme é considerado uma unidade de evolução cultural que pode, de alguma forma, autopropagar-se. Os memes podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética.”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

⁶ *Habitus* é uma noção primordial na sociologia de Bourdieu, que diz respeito aos sistemas de percepção, de apreciação, de gosto ou como princípios de classificação incorporados pelos agentes a partir de estruturas sociais presentes em um momento dado, que vão orientá-los em suas ações. Essas estratégias também dependem do espaço de possibilidades herdadas de lutas anteriores (história do campo), que tende a definir os espaços de tomadas de posições possíveis e orientar, assim, a busca de soluções e, conseqüentemente, a evolução da produção do campo (LIMA, 2010, p. 16).

literárias podem ser entendidas como se fossem as tramas dos tecidos sociais. Elas envolvem grupos e espaços determinados, num processo dialético de interações entre procedimentos, tanto para a mudança quanto para a conservação da realidade.

A função da literatura é fundamental para a formação humana, pois está relacionada à complexidade de sua natureza.

[...] Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos com estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão. Isto é, manifesta emoções e a visão de mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. [...] o efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos, embora costumemos pensar pelo menos no primeiro, que corresponde à maneira pela qual a mensagem é construída; mas esta maneira é o aspecto. Se não mais importante, com certeza crucial. Porque decide se uma comunicação é literária ou não. (Cândido, 2011, p.178).

Nesse cenário, a arte, que teve como propulsores os meios de comunicação em massa desencadeados pelos efeitos da televisão e intensificados pela internet, está em crise sob os riscos da tecnolatria na formação dos atores sociais. Nossas percepções vão ao encontro das reflexões de Cândido (2011) quando destaca que,

[...] em comparação a eras passadas, chegamos a um grau máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza [...]. No entanto, a irracionalidade do comportamento também é máxima, servida, frequentemente, pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. [...] Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria (Cândido, 2011, p. 171).

Para quem questiona as potencialidades da arte na formação humana, o exemplo de Ernesto Sabato⁷ (1911-2011), é emblemático. Esse escritor argentino revelou ter salvado, literalmente, sua existência graças à arte. Literária. Aos 47 anos, quando não encontrava sentido para continuar vivendo e passou a arquitetar um possível suicídio. Desistiu depois de encontrar refúgio no universo artístico.

Sabato foi um promissor físico, que, aos 25 anos, trabalhava no Laboratório Curie de Paris, realizando estudos sobre radiação atômica, e um ano depois já estava no renomado MIT (Massachusetts Institute of Technology) nos EUA. Trocou Paris pelos Estados Unidos antes do início da Segunda Guerra Mundial. Em 1940, retornou à Argentina para ser professor na Universidade de Buenos Aires e, em

⁷ Ernesto Sabato (1911-2011) morreu a dois meses de completar 100 anos.

1943, em crise existencial — ele cita que via “um vazio de sentido” naquilo que fazia -, desistiu das ciências exatas pela literatura.

Para Bourdieu, o *campo da literatura* é um espaço de produção do *capital cultural* que envolve as relações entre quem escreve, quem lê, quem edita, quem comercializa, quem faz a crítica etc. E cada agente desse campo se coloca numa posição específica de produção, recepção e crítica, mobilizando seus capitais culturais como representações legítimas para se destacar nas lutas simbólicas. Conforme destaca Chartier (2011, p. 363), as lutas simbólicas são

As lutas por representações, supõem-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrência em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus e o seu domínio.

A dinâmica de um *campo social* (religioso, da educação, de poder políticos, da moda, literário etc), segundo Bourdieu (1996), pressupõe a polissemia de interpretações e de disposições para apropriação de um bem simbólico, que possa elevar o capital cultural, interferindo nos esquemas de emancipação dos atores sociais e de suas autonomias relativas. O processo de refletir sobre o *campo da literatura* pressupõe destacar a sua relação com as concepções de práticas socioculturais⁸ nos processos de humanização por meio de características estéticas e pelos conhecimentos diversificados que esse campo veicula.

A literatura trata de questões de vida. Nesse sentido, as obras literárias não têm a ver apenas com a criação de um autor, uma vez que elas estão imbricadas em um espaço social e nas dinâmicas de um campo: o campo literário. Nesse sentido.

Portanto, a forma artística recria a objetividade e subjetividade dos fatos dados, que serão conhecidos como experiências estéticas, acerca de estruturas sociais reveladas. A subjetividade do autor, por meio de um texto, com seus personagens e uma trama que desenvolve, procura envolver a subjetividade do leitor nessa relação.

As inúmeras questões intelectuais que instigavam Pierre Bourdieu oscilavam

⁸ Por prática sociocultural, queremos dizer que o que se faz em termos de educação não pode ser creditado a talentos ou iluminações individuais. É uma ação coletiva, de sujeitos coletivos. Além disso, não é uma ação desvinculada do que se faz e do que se cria no mundo das artes e das letras. Formar, e principalmente formar educadores, não é apenas garantir determinados conteúdos ou determinadas formas de ensinar às crianças e adolescentes. (Pessoa, 2011, p.10).

entre duas concepções epistemológicas, ou, segundo Ortiz (1983, p.8), "dois tipos de conhecimentos polares e antagônicos: o *objetivismo* e a *fenomenologia*", ou subjetivismo. Como perspectiva subjetivista, a fenomenologia parte da experiência primeira do indivíduo, uma vez que o objetivismo constrói relações que estruturam as práticas sociais.

Ao longo de sua obra, Bourdieu procurou superar determinadas oposições canônicas que minam a ciência social por dentro, como a separação entre análise do simbólico e do material, entre indivíduo e sociedade, o embate entre métodos quantitativos e qualitativos, dualismos que comprometem uma adequada compreensão da prática humana. Essas posições artificiais não derivam, segundo ele, de operações lógicas ou epistemológicas constitutivas da prática científica, mas de disputas entre escolas e tradições de pensamento no interior da sociologia, que buscam erigir suas concepções particulares como verdade científica total, ou seja, constituem a expressão *socio-lógica* de espaços sociais estruturados em torno de divisões dualistas que acabam por produzir profissões de fé e emblemas totêmicos, dilacerando as explicações fornecidas pelas ciências sociais. (Martins, 2002, p.165)

A literatura regionalista, segundo Pessoa e Cruz (2011), é marcada por dimensões documentárias, narrativas e descritivas da nossa constituição cultural. Com as "redes sociais" e tantos atrativos midiáticos, é possível que estejamos tão envolvidos nas interações virtuais a ponto de não percebermos que, aos poucos vamos nos distanciando de valores fundamentais para uma lógica gregária. O sentido de pertencimento pautado por relações humanas requer respeito, solidariedade, presentes no sentido de pertencimento que o universo regionalista tem em alta conta.

Os escritores regionais de Goiás são importantes intérpretes da nossa história, inclusive por muito tempo eram responsáveis pelas informações geográficas, sociológicas, linguísticas e outras, afinal não existiam profissionais formados nessas especialidades.

Eles são artistas que se dedicaram a apreender e, por meio da literatura, retratar as influências diversas que recebemos de outras culturas – indígena, portuguesa e de matrizes africanas – como um conjunto de saberes, de sentimentos, de múltiplas linguagens e de práticas cotidianas. Expressam a fecundidade educativa da diversidade cultural.

Ainda que a diversidade de comportamento existente entre os diferentes povos, ou dentro de uma mesma sociedade, venha sendo discutida há

alguns séculos, configura-se em tema central de muitas polêmicas ainda hoje, especialmente quando se trata de aprofundar temáticas vinculadas aos processos de conhecimentos e práticas culturais dos sujeitos que se educam e contribuem para a educação de outros. (Lima, 2016, p. 56)

Conforme Araújo (2005, p. 9), pensar nessa temática desafiadora "requer problematizar a literatura, considerando que, apesar de suas especificidades, ela pode ser explicativa de elementos tais como processo educativo, regionalidade, ruralidade, goianidade".

A literatura regional conjuga elementos gerais da totalidade nacional e apresenta os aspectos peculiares do que tem sido assumido como regionalismo goiano, a despeito do subdesenvolvimento do país conforme a assertiva de Candido (2013). Essa literatura tem sido, historicamente, depreciada por tipologias estereotipadas, que vinculam o *habitus* de seus agentes sociais aos tipos jocosos, sem trato com a linguagem valorizada em relação ao capital linguístico dominante. A sua forma de ser e vestir é considerada "extravagante", bem como a sua forma de caminhar considerada desengonçada.

[...] quer dizer, a respeito de propriedades (estigmas ou emblemas) ligadas à *origem* através do *lugar* de origem e dos sinais duradouros que lhes são correlativos, como o sotaque, são um caso particular das lutas das classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e fazer crer, de dar a conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo. (Bourdieu, 2002, p. 113).

Chiappini (1995) ressalta que há uma linha cada vez mais tênue sobre a adoção do termo universalista em contraposição aos limites do denominado regionalismo. Essa assimetria pode ser considerada quando um escritor cidadão se dedica a escrever sobre temáticas regionais como um tema quase alienígena. Sem o compromisso de se dedicar aos estudos prévios, ao conhecimento da boa literatura e com a estreiteza preconceituosa, comumente se desumaniza o sertanejo, nivelando-o ao cenário e pouco acima dos animais. Isso não se configura como literatura regionalista

A relação do autor com o mundo natural e social é intrínseca a qualquer artista, "que deve conhecer as realidades do mundo para poder imitá-las e dos leitores e ouvintes, que podem encontrar prazer nessas realidades" (TODOROV,

2009, p. 46) e nelas se incluírem para tirar alguma interpretação factível e, assim, imprimir sentidos aos desafios da existência, ou, como adotado na tese, os *traços constitutivos de goianidade*.

Entre vários traços elementares apresentados por meio das personagens nas obras de Bariani Ortencio, os mais recorrentes são: a *religiosidade* – que combina o *sagrado* com o profano e com o *sobrenatural*; a *lealdade*; o *telurismo*; a *hospitalidade*; a *astúcia* e o *patriarcalismo*, que negou o protagonismo *para as mulheres*, relegando-as aos papéis marcadamente à sensualidade; o *senso de justiça* que revela, invariavelmente a *violência*, tendo por suposto a ausência do Estado no sertão de Goiás, fazendo com que de alguma forma, a pessoa _leia-se homem_ que se visse prejudicado em sua honra, negócios ou afronta à sua família, procure fazer *justiça pelas próprias mãos*.

Considerações Finais: com a expectativa dialética de continuidade!

Para realização desta tese, a opção foi por inventariar os contos regionalistas de Bariani Ortencio, presentes em seis obras, no percurso de refletir com propriedade a importância da literatura como formação humana e como conhecimento de Goiás, pela goianidade, que abarca os saberes, os usos, os costumes e toda uma recriação de pluralidade cultural que entronizada no estado.

Goianidade traduz, portanto, as trocas culturais que resultam em apropriação e recriação da cultura em todos os âmbitos, desde a culinária até as relações de produção e de trabalho – este com o viés da tutela e apadrinhamento dos trabalhadores e suas famílias que eram despossuídos de um pedaço de chão que representava um pedaço de terra para morar, uma fazenda e, particularmente, um latifúndio, que era prerrogativa dos autodenominados coronéis – a quem os trabalhadores deviam obediência.

Sua obra, expõe a dimensão subjetiva do autor se dedica à preservação da cultura de Goiás e do quanto enaltece os sujeitos que corajosamente se mantinham no sertão. Essa preservação, objetiva apresentar às gerações mais jovens como a cultura do estado de Goiás perpassou tramas e dramas que revelam o cotidiano desses atores, considerando que os herdeiros dessa história possam preservar o que já foi o *modus vivendi* predominante.

O artigo, encaminhando para as proposições finais, foi pautado pela interconexão entre a arte, a literatura, e seus potenciais de formação humana, tendo por base a contística barianense, que Fernandes (1997) categoriza em duas vertentes: a *sociológica* e a *fantástica*. Em ambas, o crítico literário goiano não deixa de enfatizar a versatilidade de temas e o humor tragicômico característico de Bariani Ortencio.

Desde a introdução, a premissa da literária regional no escopo da liberdade dos leitores de Bariani Ortencio, entabularem diálogos sobre autonomia ética, estética e crítica. Pois, conforme denunciava, esse viés, é historicamente, negligenciado no processo de letramento dos próprios educadores. Na esteira da afirmativa, fica uma provocação: em que medida, os educadores, tem uma relação de intimidade com uma obra literária regional para recomendá-la como estratégia de formação de leitores?

Essas perspectivas devem aprofundar as reflexões docentes, contando com as críticas de Todorov (2009), em *A literatura em perigo*, referindo-se às formas de adoção da literatura pelas escolas – sejam obras clássicas ou vanguardistas – que limitam o acesso dos estudantes à obra na sua íntegra, para apresentar alguns de seus fragmentos para cumprir um conjunto de sequências que sistematiza a relação professor-obra-alunos.

Bariani Ortencio, temática para pesquisa, foi levado em conta porque é um dos autores mais premiados do estado de Goiás; é prolífero, versátil, militante da literatura e do folclore goiano, mas é pouco difundido no ambiente acadêmico. Quando se trata de literatura, o que nos vem à mente são os cânones que, com certa frequência, não são lidos para além do fragmentos das obra, ou pela leitura de forma instrumental prescritas em fichas literárias, sem conseguir apreender sua potencialidade formativa, sem abstrair o tempo para a experiência que foi enfatizada..

Os contos barianenses, nesse contexto, comparecem como uma arte de contestação, um contraponto aos que consideraram o regionalismo destinado a ficar confinado num “beco”, tal como foi sugerido por Mário de Andrade, contestado por Chiappini (1995), cuja acepção é a de que o regionalismo é sofisticado, é atual.

Quanto aos “traços característicos de goianidade” na obra de Bariani Ortencio revela-se como uma arte de muitos quilates. Como tal é um filão de ouro, para quem

persistir em seguí-lo *bamburrar*⁹ sua formação humana como/para leitor no reconhecimento da *goianidade*, colocando, se possíveis reticências em lugar de um ponto final neste texto, empenhando uma homenagem ao Bariani Ortencio, que faleceu em Dezembro de 2023, aos 100 anos. o artigo se encerra como ele o fazia em suas crônicas: Macktub...

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela. ***Ruralismo Pedagógico e Escolanovismo em Goiás na Primeira Metade do Século XX***: O Oitavo Congresso Brasileiro de Educação/ Jaqueline Veloso Portela de Araújo. São Carlos : UFSCar, 2012.
- BOSI, Alfredo. ***O conto brasileiro contemporâneo***. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BOSI, A. ***História concisa da literatura brasileira***. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BONNEWITZ, P. ***Primeiras lições sobre sociologia de Pierre Bourdieu***. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. ***Razões Práticas***: Sobre a teoria da ação. Campinas: Ed. Papyrus, 1996
- BOURDIEU, Pierre. ***Vie, œuvres, concepts***. Paris: Ellipses Éditions Marketing, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. ***Cadernos de Pesquisa***, v. 39, n. 138, set. /dez. 2009.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. ***Em Campo Aberto***: Escritos Sobre a Educação e a Cultura Popular. São Paulo: Cortez, 1995.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: ***Vários Escritos***. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.
- COÊLHO, Wilma de Nazaré Baía. ***A cor ausente***. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; Belém: Editora UNAMA, 2009.
- CHARTIER, Roger. A verdade entre a ficção e a *História*. In: SALOMON, Marlon (Org.) ***História. Verdade e Tempo***, Chapecó/RS: Argo, 2011.
- CHIAPPINI, Ligia. Bo beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. ***Estudos Históricos***, Rio de Janeiro, v. 8, 1995, p. 153-159.

⁹ Uma analogia ao enriquecimento de um garimpeiro.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Tradução: Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987..

LIMA, Clêidna Aparecida. **Saberes Sociais e Literatura: capital cultural nas tramas de A Caverna de José Saramago**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FE) Universidade Federal de Goiás (UFG), 2016. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6510?mode=full>> Acesso: 16 de mai. 2017.

LUKACS, G. **Per una ontologia dell'essere sociale**. Roma: Riuniti, 1981. v.II.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ORTENCIO, Bariani. **Dicionário do Brasil Central - subsídios à Filologia**. 2. ed. Goiânia: Kelps, 2009.

ORTIZ, R. (org.) **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, 1983.

ORTEGA Y.; GASSET, J. **História como sistema. Mirabeau ou o político**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é Literatura**. Trad. Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SETTON, M. da G. J. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: Uma leitura contemporânea*. **Revista Brasileira de Educação**, 20, 60-70, 2002.

TODOROV, Tzvetan. **Literatura: não-teoria paixão**. (2009). Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/tzvetan-todorov-literatura-nao-teoria-paixao-531493.shtml>. Acesso em: 18 ago. 2018.

TRAGTENBERG, Maurício. **Autonomia Operária**. São Paulo: Unesp, 2011.